

COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA): PERSPECTIVAS PARA O ASSENTAMENTO SERRA VERDE EM BARRA DO GARÇAS (MT)¹

Deise Palaver Garcia²
João Luiz Binde³

Resumo:

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é considerada uma tecnologia social capaz de contribuir significativamente na produção agrícola de forma sustentável. Além de atender a uma demanda crescente de pessoas que procuram por alimentos frescos e saudáveis também pode proporcionar melhora na qualidade de vida e geração de renda ao pequeno produtor rural. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo apresentar perspectivas de implantação de uma CSA com os produtores do Assentamento Serra Verde de Barra do Garças. Neste primeiro momento é importante conhecer a realidade do assentamento, por isso o método empregado foi o diagnóstico participativo, por meio dele foi possível verificar que os produtores locais estão envolvidos em várias atividades, porém com baixa efetividade na geração de renda, sendo o modelo da CSA uma oportunidade para mudar essa realidade.

Palavras-chave:

Agricultura sustentável. Pequeno produtor. Alimentos Saudáveis.

COMMUNITY SUPPORTED AGRICULTURE (CSA): PERSPECTIVES FOR THE SERRA VERDE SETTLEMENT IN BARRA DO GARÇAS (MT)

Abstract:

The Community Supported Agriculture (CSA) is considered a social technology capable of making a significant contribution to sustainable agricultural production. In addition to meet an increasing demand from people looking for fresh and healthy food, it can also improve the quality of life and income generation to the small farmers. Therefore, this study aims to present prospects for implementing a CSA with farmers of Serra Verde Settlement in Barra do Garças. At this first moment, it is important to know the reality of the settlement, so the method used was the participatory diagnostic, through which it was possible to verify that local farmers are involved in various activities, but with low effectiveness in income generating, being the CSA model an opportunity to change that reality.

Keywords:

Sustainable Agriculture. Small farmer. Healthy Food.

AGRICULTURA APOYADA POR LA COMUNIDAD (CSA): PERSPECTIVAS PARA EL ASENTAMIENTO SERRA VERDE EN BARRA DO GARÇAS (MT)

Resumen:

¹ Trabalho realizado com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Chamada MCTIC/MAPA/MEC/SEAD – Casa Civil/CNPq nº 21/2016.

² Mestre em Engenharia de produção. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. E-mail: deise.palaver@bag.ifmt.edu.br.

³ Doutor em Ciência Política. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso. E-mail: joão.binde@bag.ifmt.edu.br.

La Agricultura Apoyada por la Comunidad (CSA) es considerada una tecnología social capaz de hacer un aporte significativo a la producción agrícola sostenible, además de satisfacer una demanda creciente de personas que buscan alimentos frescos y saludables, también puede mejorar la calidad de vida y ingreso al agricultor. Por lo tanto, el presente estudio tiene como objetivo presentar las perspectivas de implementación de una CSA con los productores del Asentamiento Serra Verde en Barra do Garças. En este primer momento, es importante conocer la realidad del asentamiento, por lo tanto, el método utilizado fue el diagnóstico participativo, mediante el cual se pudo verificar que los productores locales están involucrados en diversas actividades, pero con baja efectividad en la generación de ingresos, siendo el modelo de CSA una oportunidad para cambiar esa realidad.

Palabras clave:

Agricultura sustentable. Pequeño productor. Alimentos saludables.

Introdução

Ao menos desde 10.000 a.C. há registros de plantio da terra e criação de animais para alimentar uma comunidade, de lá para cá muita coisa mudou, a produtividade melhorou, as áreas de plantio foram ampliadas, as plantas e animais passaram por modificações genéticas, no entanto, o que não mudou é o fato de que produzir alimentos para atender as necessidades humanas causam impactos ambientais (ASSAD; ALMEIDA, 2004). Cada vez mais as produções agrícolas e alimentícias são influenciadas e sofrem pressões relacionadas ao meio ambiente (DA VEIGA, 1996).

Desde o Brasil colônia a riqueza do país se baseia no setor primário, sendo que os produtos agrícolas são parte importante do Produto Interno Bruto – PIB (ASSAD; ALMEIDA, 2004), de acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, em 2019 os bens e serviços gerados pelo agronegócio chegou a R\$ 1,55 tri, o que representa 21,4% do PIB brasileiro (CNA, 2020). É importante salientar que, no contexto brasileiro, muitas vezes o agronegócio e a agricultura familiar têm sido tratados como setores antagônicos, no entanto, vários estudos têm demonstrado o quanto a agricultura familiar tem contribuído para atendimento do mercado externo e interno (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

O termo “agricultura familiar” pode ser considerado um guarda-chuva conceitual que abrange diversas situações que contrapõem a agricultura patronal, esse universo apresenta grande potencial de produção e com capacidade de abastecer o país, mesmo com as problemáticas de acesso à terra, ao crédito e às tecnologias, é nesse setor que também estão boa parte de brasileiros em situação de risco (ALTAFIN, 2007).

Segundo Santos et al. (2014), a agricultura familiar tem como característica a aplicação de práticas agrícolas fundamentadas na participação familiar, diversificação de produtos “além da sua capacidade de causar menores danos ao ambiente do que a agricultura convencional” (SANTOS et al., 2014, p.37), o que é essencial para uma agricultura sustentável.

De acordo com Ehlers (2017), é difícil apresentar uma definição exata do que seria uma “agricultura sustentável”, porém, os vários conceitos dizem respeito às práticas empregadas na produção agrícola que visam: mínimo de impacto ambiental; uso mínimo de insumos químicos; segurança alimentar; atendimento das necessidades sociais, tanto da família como da comunidade rural. “Nesse contexto a agroecologia é um caminho que concilia a agricultura familiar e a sustentabilidade para o espaço rural” (SANTOS et al., 2014, p.38).

Neste sentido, a agroecologia aparece como uma estratégia que visa substituir práticas agrícolas danosas ao meio ambiente, pois integra práticas ecológicas importantes para a agricultura sustentável e respeita as particularidades locais das comunidades (LEFF, 2002).

Outra estratégia com vistas ao desenvolvimento agrícola sustentável são as Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA), neste sistema o consumidor adquire o produto diretamente do produtor, não há intermediários nesse modelo de produção (SILVA JR, et al., 2018). É considerada uma tecnologia social inovadora que conecta produtores da agricultura familiar que buscam uma remuneração justa por seus produtos, aos consumidores que buscam por produtos saudáveis e frescos (JUNQUEIRA; MORETTI, 2018).

O desenvolvimento deste trabalho faz parte do projeto de Criação do Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica no Instituto Federal de Mato Grosso, *campus* Barra do Garças (NEA Vale do Araguaia), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e aconteceu no município de Barra do Garças, especificamente no Assentamento Rural “Serra Verde”, que fica a 30 km do município e tem 100 famílias assentadas. Devido à distância da comunidade até o centro da cidade e acesso ao transporte, um dos problemas enfrentados pelas famílias é a comercialização dos produtos produzidos pelos assentados. Por isso, um dos resultados esperados pela execução do projeto é o levantamento da realidade do Assentamento.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar perspectivas de implantação de uma CSA com os produtores do Assentamento Serra Verde de Barra do Garças. Para atingir a

proposição do projeto adotou-se como método de estudo o diagnóstico participativo e contou com a participação de 40 famílias dos assentados.

Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)

O termo Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) vem do inglês *Community Supported Agriculture* (SILVA JR. et al., 2018), “é considerada uma tecnologia social inovadora nas relações que se estabelecem entre produtores rurais de alimentos e os consumidores urbanos de seus produtos” (JUNQUEIRA; MORETTI, 2018, p.518). Um breve histórico e evolução das CSAs é apresentado no Quadro 1.

Quadro 1–Breve histórico e evolução das CSAs

Período	Local	Acontecimento
Década de 1920	Alemanha	Surgimento dos princípios da agricultura biodinâmica do filósofo austríaco Rudolf Steiner
Década de 1970	Japão	Em 1971 o filósofo e líder cooperativista Teruo Ichiraku (1906–1994) inicia um movimento a favor da produção de alimentos orgânicos. Em 1974 donas de casa e agricultores se juntam para formar os Teikei (do japonês parceria, cooperação) para enfrentar a crise camponesa.
Década de 1980	Estados Unidos	A ideia das CSAs chega ao país por meio de conferências de agricultores biodinâmicos e orgânicos.
Década de 1990	França, Canadá e Reino Unido	Chegada do conceito de CSA.
	Brasil	Em 1997, no Ceará começa a Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica inspirada no modelo de CSA inglês.
Década de 2010	Brasil	Em 2011 é implantado o projeto pioneiro CSA Demétria em Botucatu (SP).

Fonte: SANTOS et al. (2018); JUNQUEIRA; MORETTI (2018).

No Brasil, o fundador da CSA Demétria, Hermann Pohlmann, juntamente com colaboradores criaram em 2014 a Associação CSA Brasil com a finalidade de fornecer treinamentos para orientar as comunidades na forma como estabelecer e gerir uma CSA (SANTOS et al., 2018). Na página da associação na *internet* também é possível encontrar um mapa com a localização das CSAs no país.

Uma CSA pode atingir muitos objetivos diferentes, mas sua concepção foi para criar comunidades, preservar os sistemas locais de produção, proteger o meio ambiente e prover alimentos aos menos favorecidos (ADAM, 2006), assim o sistema une indivíduos comprometidos em apoiar uma produção agrícola, tanto nas colheitas boas quanto nas ruins (ALIOTTE et al., 2018).

De acordo com Adam (2006), com o tempo surgiram dois modelos de gestão da CSA: no primeiro modelo (*Subscription CSA –farmer-driven*) é o produtor quem direciona as ações do grupo, organiza o trabalho de produzir uma variedade de produtos para a cesta da CSA. Esse modelo representa 75% das CSAs. Já o no segundo modelo (*Shareholder CSA – consumer-driven*) é o consumidor quem direciona as ações do grupo, geralmente há um grupo principal que organiza o sistema e contrata o produtor, a maioria das decisões são tomadas pelo grupo principal.

De acordo com a página da CSA Brasil na *internet*, um grupo fixo de consumidores se comprometem, por um ano, a subsidiar uma determinada produção agrícola, em contrapartida, recebem dos produtores os produtos produzidos pelo sítio. Segundo Junqueira e Moretti (2018) os consumidores, também chamados de coprodutores, assumem a responsabilidade de financiar um grupo de produtores locais por um período (de 6 a 12 meses), sob condições específicas, com direito de visitar e inspecionar os locais de produção, conhecer os métodos empregados na produção agrícola, além disso, também assumem responsabilidade pela comercialização e distribuição das mercadorias.

No Brasil, a grande parte dos consumidores são do meio urbano e o modelo de gestão não pode ser considerado *consumer-driven* pois as decisões estratégicas são tomadas em conjunto com o produtor por meio de assembleias realizadas periodicamente, nessas reuniões são decididos os produtos que serão produzidos, e também são apresentadas planilhas com cálculos e estimativas de custos e o investimentos necessários, os valores são rateados em forma de cotas a serem assumidos pelos coprodutores (JUNQUEIRA; MORETTI, 2018).

De acordo com Henderson e Vanen (2007), para começar uma CSA os passos são similares, primeiramente é necessário descobrir se há pessoas interessadas nesse modelo de produção, fazer um levantamento de preços praticados no mercado, produção de alimentos local, depois de obter essas informações os iniciadores do projeto de implantação da CSA devem:

1 – Fazer um chamado aos interessados (iniciadores).

2 – Fazer reuniões com um potencial grupo de produtores para explicar o que é a CSA e como é o modelo.

3 – Na mesma reunião ou na próxima, deve-se explicar ao grupo os valores da CSA, o que é comida orgânica, produção local de alimentos, questões sobre ética, economia e diversidade do grupo.

4 – Organizar o grupo principal, definir os produtores participantes, o local e como os produtos serão distribuídos, dividir as responsabilidades entre os membros, definir a variedade e qualidade dos produtos, definir as cotas.

5 – O grupo principal deverá recrutar os membros para a primeira temporada de produção, geralmente com amigos ou pessoas conhecidas.

6 – Formar comitês para organizar os pagamentos.

7 – Formalizar a CSA, criação de estatuto ou regras para o grupo.

8 – Determinar como as unidades produtivas serão capitalizadas, acesso a crédito, parcerias e outros.

De modo geral, cada CSA disponibiliza dois ou três preços de cotas que o consumidor poderá adotar conforme o tamanho de sua família. Por outro lado, o produtor se compromete em entregar os produtos em quantidade, qualidade, nível de processamento, apresentação e acondicionamento previamente acordados. Geralmente as entregas são semanais (JUNQUEIRA; MORETTI, 2018).

Em uma pesquisa realizada por Ortega et al. (2018) foi apresentada uma tabela com número e valores das cotas vigentes no Brasil em 2016, a Tabela 1 apresenta os dados parciais desta pesquisa.

Tabela 1: Valores e cotas vigentes no Brasil em 2016

UF	Cidade	CSA	Cotas	Valor da cota
MG	BH	Alfa	135	Média R\$143,00
	Lavras	Horta proNobis	29	R\$70,00
	Araras	Araras	21	R\$55,00 (P) R\$105,00 (M) R\$160,00 (G)
SP	Botucatu	Demétria	22	R\$106,00
	São Paulo	Horta do Marcelo	45	R\$86,00 a R\$438,00
PE	Recife	Recife	55	R\$130,00
RS	Porto Alegre	Porto Alegre	100	R\$ 105,00 a R\$ 165,00
PR	Curitiba	Sítio São Carlos	31	R\$ 150,00
SC	Itapema	Flora Bioativas	32	R\$170,00

Fonte: Adaptado de ORTEGA et al. (2018, p. 5).

Como pode ser visualizado na Tabela 1 os valores das cotas são bem variados, essa falta de padrão é justamente pelas particularidades de cada CSA. De acordo com Aliotte et al. (2018) o padrão das cestas maiores geralmente possui de 10 a 15 itens e as menores têm de 5 a 7 itens. O produtor é responsável por fazer a divisão igualitária dos produtos, caso aconteça de faltar algum, ele fará a substituição, em caso de produção excedente, depois de todas as cestas montadas, o produtor poderá comercializar o que sobrou nas feiras e, assim, aumentar seu lucro.

Quanto aos produtos, geralmente as cestas contém legumes e verduras, mas também podem ter frutas, e sempre pode acontecer variação deles conforme a época do ano. Para a entrega dos produtos é definido um local de comum acordo, sendo de responsabilidade do produtor levar as cestas ao local e responsabilidade do coprodutor retirar no local combinado, caso não seja retirada, a cesta poderá ser doada a uma instituição de caridade da cidade (ALIOTTE et al., 2018).

Materiais e Métodos

O presente trabalho tem por finalidade apresentar perspectivas de implantação de uma CSA com os produtores do Assentamento Serra Verde de Barra do Garças. Para alcançar os resultados almejados é importante definir o método de trabalho que, de acordo com Gil (2002), é a trilha que o pesquisador deverá seguir para alcançar seu objetivo.

Neste caso, a abordagem do estudo se caracteriza como qualitativo de natureza exploratória. Pesquisas desse caráter têm o objetivo de trazer familiaridade com o problema, torná-lo mais claro e, assim, construir hipóteses (GIL, 2002). Como estratégia de pesquisa adotou-se a pesquisa bibliográfica, que envolve a busca por conteúdos já produzidos e publicados (GIL, 2002).

Outra estratégia empregada foi o diagnóstico Participativo que é um método para investigar uma realidade, geralmente feito com a participação de lideranças e integrantes de um grupo específico, nele é possível identificar as potencialidades e vocações, assim como os problemas e obstáculos de uma localidade (CERQUEIRA, 2015).

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista, o instrumento é um encontro entre duas pessoas, ocorre uma conversação metódica na qual o entrevistador obtém as informações que precisa do entrevistado (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Resultados e discussões

O Diagnóstico Participativo ocorreu no Assentamento Serra Verde, localizado no município de Barra do Garças (MT), no período de julho a novembro de 2019 e contou com a participação de 40 famílias de assentados. Os resultados são apresentados a seguir.

Um dos levantamentos da pesquisa foi em relação ao número de integrantes das famílias dos assentados, como pode ser visto na Tabela 2, a maioria das famílias é composta por 2 membros, geralmente marido e esposa que permanecem na propriedade enquanto os filhos acabam buscando outros caminhos, migrando para o centro urbano em busca de oportunidades de trabalho, pois “a permanência dos produtores na atividade agrícola é função direta da geração de renda suficiente para que possam sustentar-se, a si e às suas famílias”(OLIVEIRA;VIEIRA FILHO, 2018, p.7).

Tabela 2: Quantidade de membros nas famílias dos assentados

Quantidade de membros por família	Quantidade de famílias
1	3
2	23
3	6
4 ou mais	8

Fonte: elaborado pelos autores com base na pesquisa (2020).

Em relação ao tempo de permanência na propriedade, conforme mostra a Tabela 3, a maioria das famílias está há mais de cinco anos no local, ou seja, estão criando raízes e a comunidade começa a se fortalecer por meio dos laços afetivos, o que é muito importante para a implantação de uma CSA.

Tabela 3: Tempo de moradia no assentamento

Tempo	Quantidade de famílias
Até 2 anos	4
Entre 2 e 5 anos	5
Mais e 5 anos	31

Fonte: elaborado pelos autores com base na pesquisa (2020).

O levantamento também apontou os principais produtos produzidos pelos assentados. Na Tabela 4 é possível verificar que são produzidos mais de 20 itens, nos de origem animal se destacam a produção de frango de corte, leite e suínos, já na produção vegetal se destaca a produção de mandioca, hortaliças e algumas frutas.

É interessante observar que embora haja grande variedade de produção a comercialização não é de grande destaque, ou seja, a maior parte da produção é para consumo próprio; a prova disto é que 30 respondentes afirmaram ter frango de corte, no entanto somente 10 deles afirmaram comercializar o produto. Uma observação importante a ser feita é que o comércio de produtos de origem animal deve sempre seguir as normas da Vigilância Sanitária municipal, o que pode dificultar a venda destes produtos.

Já nos produtos de origem vegetal, os maiores destaques (mandioca e hortaliças) têm produção para o consumo próprio e também são destinados à comercialização.

Tabela 4: Principais produtos produzidos pelos assentados

Produtos	Consumo próprio	Venda
Frango de corte	30	10
Ovos	13	3
Cama de frango		4
Leite	28	11
Queijo	16	16
Requeijão	5	5
Bovino de corte	20	1
Porco	27	0
Peixe	3	2
Mel	2	2
Mandioca	20	20
Hortaliças (alface, abóbora, pepino, cheiro verde, quiabo, jiló)	16	16
Abacaxi	3	3
Melancia	4	4
Baru	3	3
Caju	3	3
Maracujá	3	3
Laranja	3	3
Outras frutas (mamão, limão, abacate, coco, pequi, banana)	7	7
Milho	1	1
Pimenta	1	1
Café	1	1
Outros(geléias, pães, doces, farinha, polvilho)	12	12

Fonte:elaborado pelos autores com base na pesquisa (2020).

A pesquisa também obteve informações sobre a renda familiar dos assentados, conforme é apresentado na Tabela 5, observa-se que a grande maioria dos respondentes informaram receber até R\$1.000,00 por mês. Considerando as atuais condições do cenário econômico no Brasil, pode-se afirmar que essa renda não é o suficiente para uma boa qualidade de vida, o que tem também contribuído para a saída de muitos jovens da área rural.

Tabela 5: Renda familiar mensal dos assentados

Renda	Quantidade de famílias
Até R\$1.000,00	25
Entre R\$1.001,00 e R\$1.500,00	7
Entre R\$1.501,00 e R\$2.000,00	2
Acima de R\$2.000,00	6

Fonte: elaborado pelos autores com base na pesquisa (2020).

Outra realidade constatada pelo diagnóstico é sobre a composição da renda familiar (Tabela 6), embora seja baixa, como apresentado anteriormente, a maioria dos assentados dependem da comercialização de seus produtos e mais algum complemento, que pode ser advindo de aposentadoria, bolsa família ou até mesmo de outros trabalhos fora do assentamento ou comércio local (bar, mercearia).

Tabela 6: Composição da renda familiar dos assentados

Renda	Quantidade de famílias
Aposentadoria	15
Bolsa família	8
Venda de produtos produzidos	31
Outro trabalho ou comércio	14

Fonte: elaborado pelos autores com base na pesquisa (2020).

Assim, a implantação da CSA poderia trazer novas perspectivas financeiras para os assentados. Corrobora essa ideia a pesquisa feita por Junqueira e Moretti (2018), que entrevistou membros de CSAs pelo Brasil e observou que 94% dos pesquisados afirmaram que uma das vantagens de participar desse modelo é obter renda fixa e estável, além de minimizar os riscos da comercialização.

Considerações finais

Além das vantagens econômicas e financeiras, a CSA se mostra uma ferramenta importante para o desenvolvimento sustentável de pequenas propriedades rurais e facilita o acesso a produtos frescos e saudáveis, produtores e consumidores atuam concomitantemente na valorização da produção local.

Tendo como objetivo apresentar perspectivas de implantação de uma CSA com os produtores do Assentamento Serra Verde de Barra do Garças este trabalho obteve resultados que apontam para um panorama promissor, embora teve como limitação o levantamento de custos de produção do local pesquisado. Assim, sugere-se para a concretização da CSA seguir os seguintes passos:

- a) reunir os produtores que desejam participar do grupo e explicar o funcionamento e valores da CSA (neste quesito a CSA Brasil pode ajudar com cursos e treinamentos);
- b) formar um grupo de interessados em ser coprodutores;
- c) identificar entre os produtos produzidos pelos assentados, quais deles os coprodutores têm interesse em receber na cesta;
- d) levantar os custos de produção destes produtos para determinar os valores das cotas;
- e) formalizar os acordos por meio de contratos e iniciar as atividades.

As contribuições deste estudo visam nortear a implantação de uma CSA, mas também é importante ressaltar que formar esse sistema exige uma relação de confiança, assim, o sucesso do modelo está atrelado ao comprometimento e ao diálogo entre os produtores e coprodutores.

Referências

- ADAM, K. L. Community supported agriculture. Butte, MT: **ATTRA-National Sustainable Agriculture Information Service**, 2006.
- ALLOTTE, J. T. B.; LIMA, D. M.; OLIVEIRA, A. L. R. Caracterização da Agricultura Sustentada pela Comunidade (CSA) no Brasil. **Espacios**, v. 39, n. 42, p. 7, 2018.
- ALTAFIN, I. Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar. **Brasília**: CDS/UnB, p. 1-23, 2007.
- ASSAD, M. L. L.; ALMEIDA, J. Agricultura e sustentabilidade: contexto, desafios e cenários. **Ciência e Ambiente**, n. 29, p. 15-30, 2004.

CERQUEIRA, L. Guia do diagnóstico participativo. **Flacso**[guia na Internet], 2015. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2015/08/Guia-do-Diagnostico-Participativo.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2020.

CSA Brasil. **Comunidade que Sustenta a Agricultura Brasil**. Disponível em: <http://www.csabrasil.org/csa/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

CNA. **Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil**. Disponível em: <https://www.cnabrasil.org.br/cna/panorama-do-agro>. Acesso em 20 ago. 2020.

DA VEIGA, J. E. Agricultura familiar e sustentabilidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 13, n. 3, p. 383-404, 1996.

EHLERS, E. **O que é agricultura sustentável**. Brasiliense, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HENDERSON, E.; VANEN, R. **Sharing the harvest: a citizen's guide to Community Supported Agriculture**. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2007.

JUNQUEIRA, A. H.; MORETTI, S. L. A. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, 2018.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

OLIVEIRA, W. M.; VIEIRA FILHO, J. E. R. **Sucessão nas fazendas familiares: Problemas e desafios**. Texto para Discussão, 2018.

ORTEGA, J.; SANTOS, A. S.; SOUZA, I. M. D.; OLIVEIRA, A. P. R.; MARJOTTA-MAISTRO, M. C. Panorama das comunidades que sustentam a agricultura (CSA): os movimentos no Brasil e Europa. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

SANTOS, C. F.; SIQUEIRA, E. S.; ARAÚJO, I. T.; MAIA, Z. M. G. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 33-52, 2014.

SILVA JR, E. C.; SANTANA, G. S.; MUÑOZ, M. S. G.; PORTO, B. H. C.; JUNQUEIRA, A. M. Z.; SOARES, J. P. G.; RODRIGUES, G. S. Comércio justo e gestão ambiental para a sustentabilidade o caso de uma comunidade que sustenta a agricultura (CSA). **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 35, n. 1, p. 11-36, 2018.